

NIA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA
ARQUEOLOGIA

12

***A*PONTAMENTOS**

de Arqueologia e Património

DEZ 2017

ISSN: 2183-0924

***A*PONTAMENTOS**

de Arqueologia e Património

12

DEZEMBRO

2017

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**

Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**

Editor: **ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação**

Arqueológica – NIA

Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: **Dezembro de 2017**

Volume: **12**

Capa: Realização de prospecção geofísica

(Foto: António Valera)

Director: **António Carlos Valera**

ISSN: 2183-0924

Contactos e envio de originais:

antoniovalera@era-arqueologia.pt

Revista digital.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

O uso do acordo ortográfico está ao critério de cada autor.



ÍNDICE

EDITORIAL	07
-----------------	----

Tiago do Pereiro e António Carlos Valera GEOFÍSICA DE DOIS GRANDES MONUMENTOS MEGALÍTICOS INÉDITOS NO BAIXO ALENTEJO	09
--	----

António Carlos Valera, Marco Fernandes e Patrícia Simão OS HIPOGEUS DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DA QUINTA DA ABÓBADA (BEJA)	15
---	----

Nelson Cabaço A FAUNA DEPOSITADA SOB O “CAIRN 1” DOS PERDIGÕES (REGUENGOS DE MONSARAZ)	23
--	----

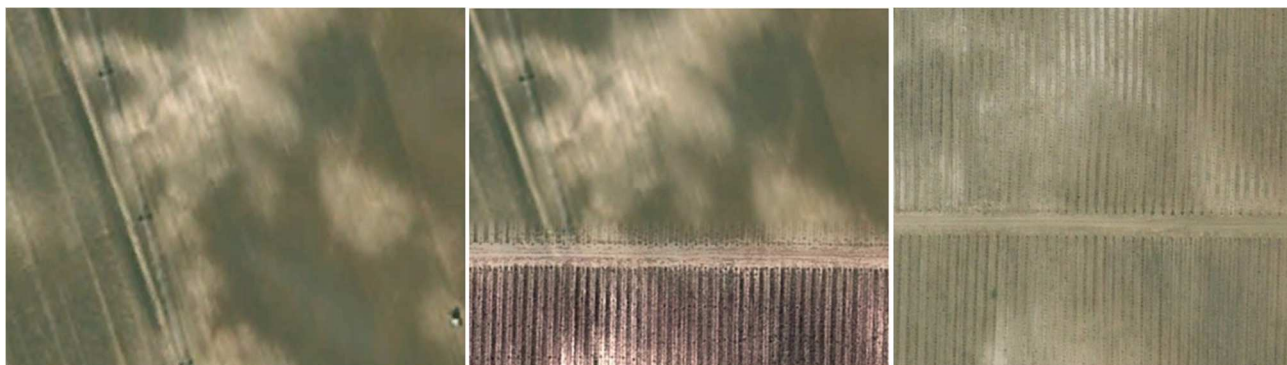
Ana Catarina Basílio e Tiago do Pereiro PEDAÇOS DE UM PASSADO COMUM: OCUPAÇÕES DO 4º E 3º MILÉNIOS AC NA ZONA DO RIO SECO / BOA HORA (AJUDA, LISBOA)	37
---	----

Alexandre Sarrazola e Ever Calvo LARGO DA ARTILHARIA Nº 1 E 2, LISBOA: INTERVENÇÃO NO ESPAÇO DA APPI (ASSOCIAÇÃO PROTECTORA DA PRIMEIRA INFÂNCIA)	45
---	----

Inês Simão, Catarina Furtado, Marina Lourenço, Lucy S. Evangelista UM OLHAR SOBRE A EVOLUÇÃO DO EXTINTO TRIBUNAL DA BOA HORA	49
---	----

Alexandre Sarrazola ACOMPANHAMENTO ARQUEOLÓGICO: <i>IURIS URBE INORDINATIONEM</i>	59
---	----

António Carlos Valera DUAS DÉCADAS DE INVESTIGAÇÃO NOS PERDIGÕES: RESENHA DA BIBLIOGRAFIA PRODUZIDA	69
---	----



“Filme” de uma destruição

EDITORIAL

Já no editorial de 2013 da AAP se alertava para a situação, que então começava a verificar-se, de sistemática afectação dos recintos de fossos, vítimas da “Revolução Agrícola” que tem vindo a acontecer nos últimos anos no interior alentejano.

Alqueva, uma “porra” que demorou a construir e que se revela fundamental para a economia do Alentejo (como a recente seca extrema bem demonstrou), está a ser um projecto de grande dinamização da economia agrícola alentejana, que tem inegáveis contributos para situação das finanças gerais do país e desenvolvimento social da região. O problema é que também é um projecto que tem conduzido a inequívocos custos ambientais e patrimoniais, portanto também sociais e culturais, aos quais os agentes económicos e as entidades administrativas e políticas se estão a revelar pouco sensíveis.

Nos últimos tempos, são várias as notícias de afectações ou destruições de sítios arqueológicos de diferentes naturezas e cronologias às mãos de projectos de reconversão agrícola para culturas intensivas de regadio, várias das quais implicam lavras profundas. Entre a ignorância, o deliberado “desconhecimento” e a ineficácia e impotência administrativa, o rejuvenescimento agrícola do Alentejo está a ser feito à custa de uma sistemática obliteração da memória histórica inscrita nas paisagens e nos notáveis sítios arqueológicos da região. Trata-se de uma dinâmica nos antípodas da noção de Desenvolvimento Sustentável. Pura e simplesmente não se aprende. Nem entre os agentes económicos, nem entre quem supostamente os regula.

Talvez a melhor caricatura da actual situação seja a actuação do ministro que tutela o sector da cultura (onde está integrado o Património Arqueológico e a respectiva actividade profissional): um ausente. O que está a acontecer com o património arqueológico alentejano não tem advogado na mesa do Conselho de Ministros. No terreno, seria tentado, talvez preversamente (ou não), a dizer que os processos administrativos estão deliberadamente montados de forma a desencontrar quem projecta, quem aprova e quem tem informação patrimonial. Os grandes projectos de reconversão agrícola passam pelo Ministério da Agricultura, mas não pelos Municípios ou tutela do património, onde a informação patrimonial se encontra. E se a denúncia da desfuncionalidade já ocorreu por várias vezes, não se tem visto interesse em resolver a situação. Procedimento de branqueamento da sistemática destruição, a que se junta o silêncio e indiferença da Academia, sempre distante do que se passa fora do seu *Campus*, e de uma grande maioria de profissionais do sector.

Importante património arqueológico está a ser afectado a um ritmo alucinante no Alentejo, nomeadamente onde chega a água de Alqueva. E gera-se uma grande ironia: um empreendimento que, com méritos e deméritos, tem contribuído decisivamente para uma Revolução Empírica sobre o conhecimento do nosso passado colectivo mais distante, acaba por alimentar involuntariamente, com água, uma das maiores ondas de destruição patrimonial naquele território.

António Carlos Valera

OS HIPOGEUS DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DA QUINTA DA ABÓBADA (BEJA)

António Carlos Valera¹
Marco Fernandes²
Patrícia Simão²
Marina Lourenço²

Resumo:

Neste texto apresentam-se duas estruturas de tipo hipogeu intervencionadas pela Era Arqueologia SA. junto à cidade de Beja. Descrevem-se as respectivas estratigrafias e contextos, apresentam-se as cronologias absolutas e os dados antropológicos disponíveis para o Hipogeu 2 e faz-se a sua integração no contexto regional alentejano, nomeadamente no que respeita à emergência deste tipo de arquitecturas funerárias numa fase terminal do Neolítico Médio. Relativamente ao Hipogeu 1, preenchido com depósitos embalando materiais calcolíticos, mas sem restos humanos, sublinha-se a questão das práticas de esvaziamento realizadas em alguns destes supulcros.

Abstract:

The hypogea of Quinta da Abóbada (Beja).

In this paper two hypogea excavated by Era Arqueologia SA. near the city of Beja are presented. Their stratigraphy and contexts are described, and the absolute chronologies and anthropological data for Hypogeum 2 are presented and integrated in the regional context of Alentejo, namely regarding the problem of the emergence of these funerary architectures during the late Middle Neolithic. Regarding Hypogeum 1, filled by deposits with Chalcolithic materials, but with no human remains, practices of discharging of some of these structures are underlined.

1. Âmbito

O sítio arqueológico da Quinta da Abóbada foi intervencionado pela ERA Arqueologia SA. Em 2014 e 2015 no âmbito do empreendimento do Sistema Interceptor de Beja da responsabilidade das Águas Públicas do Alentejo, S.A.

As obras foram iniciadas sem acompanhamento arqueológico, tendo-se registado a afectação de vários contextos arqueológicos, nomeadamente de estruturas (fossas, hipogeus e uma sepultura). Esta realidade só foi detectada após a entrada da equipa de Arqueologia em obra, altura em que parte das valas já se encontrava aberta. Foi então exigida a realização de sondagens arqueológicas de minimização dos elementos arqueológicos afetados, as quais abrangeram uma área total de 70m². Foi neste contexto que foram intervencionados os dois hipogeus a que o presente texto se refere.

2. Localização

A Quinta da Abóbada localiza-se no limite sudeste da área urbana de Beja, junto à linha de caminho e à estrada que sai para a Salvada. Trata-se um terreno aplanado com cotas que variam entre os 240 e 245m (Figura 1). Encontra-se, pois, em plena pleneplanície do Baixo-Alentejo.

Do ponto de vista geológico, a zona integra o Maciço de Beja, implantando-se o sítio numa zona de fronteira entre a formação dos Gabros de Beja e o complexo máfico-ultramáfico de Beja, onde fenómenos de alteração geraram a presença de calços brandos que facilitam a escavação de estruturas negativas.

¹ NIA - Era Arqueologia, S.A.; ICArEHB (UAIG.)
(antoniovalera@era-arqueologia. pt)

² Era Arqueologia, S.A.



Figura 1 – Localização dos hipogeu 1 e 2 da Quinta da Abóbada.

3. Estruturas e contextos arqueológicos

Os dois hipogeu situam-se cerca de 150 metros afastados um do outro. O Hipogeu 1 localiza-se mais a Oeste e junto à linha férrea no designado sector B, enquanto que o Hipogeu 2 se situa mais a Este e junto a estrada para a povoação da Salvada, no sector A (Figura 1).

3.1. O Hipogeu 1.

O Hipogeu 1 foi identificado em corte no interior de uma das valas já abertas, tendo sido cortado em cerca de um terço da câmara do seu lado Sudeste e em metade do acesso, mantendo-se as extremidades destes espaços em cada um dos lados da vala.

Estruturalmente o hipogeu apresentava uma câmara de planta subcircular com cerca de 2 metros de diâmetro máximo e um acesso em poço (com tendência igualmente circular e cerca de 1,3 / 1,4 metros de diâmetro), ligados por uma passagem em túnel com cerca de 40 centímetros de altura. O acesso apresentava-se como uma fossa de perfil troncocónico com 70 centímetros de profundidade (Figura 2). Já a câmara apresentava uma profundidade conservada de 80 centímetros, terminando numa abertura circular, não sendo perceptível se essa abertura superior se relaciona com a utilização da estrutura ou se corresponde a uma obliteração mais recente.

Ambos os espaços eram preenchidos por vários depósitos, sendo que alguns que preenchiam o poço de acesso se prolongavam pelo túnel de ligação à câmara, confirmando a sua simultaneidade de funcionamento. Não foram registados restos osteológicos humanos, tendo-se recolhido vários fragmentos cerâmicos, entre os quais se destacam

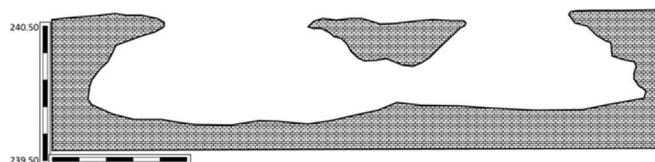


Figura 2 – Hipogeu 1.

fragmentos de pratos de bordo espessado almendrado que remetem para uma cronologia calcolítica. Note-se que noutras sondagens realizadas no sítio se intervencionaram fossas que forneceram igualmente fragmentos de pratos de bordo espessado.

3.2. O Hipogeu 2.

O Hipogeu 2 apresentava-se parcialmente afectado por estruturas negativas de cronologia histórica, nomeadamente da antiguidade tardia. A cúpula da câmara era cortada por dois interfaces negativos, um deles correspondendo a uma grande fossa circular, com 2,08 metros de profundidade e 2 metros de diâmetro máximo, preenchida por inúmeros depósitos, em vários dos quais se identificaram conexões anatómicas parciais de animais (logomorfos, *Sus*, *Equus* e um pequeno roedor), localizadas na base e em vários momentos de enchimento da fossa. Esta grande fossa era por sua vez cortada por outra mais pequena e pela grande vala da obra.

O hipogeu apresentava uma câmara funerária de planta subcircular e tecto abobadado, com paredes e base côncavas, cuja entrada se efectuava através de um poço de acesso vertical localizado a SE, também ele parcialmente afectado pelas estruturas posteriores.

O preenchimento da estrutura funerária culminava com uma sequência de três depósitos arenosos ou areno-argilosos [1033, 1034, 1035] integrando um aglomerado de pedras de gabo [1055]. Sob o depósito [1035], registou-se parte de uma mandíbula de *Equus* e um aglomerado de pedras de gabo de médio calibre [1056], localizadas junto ao limite NO/O da interface da câmara e da fossa posterior, pelo que o resto faunístico poderá ser uma intossão. O aglomerado pétreo cobria um depósito, [1037], constituído por um sedimento areno-argiloso, pouco homogêneo e pouco compacto, de coloração cinzenta muito escura, com nódulos argilosos alaranjados, e com inclusões de calços desagregados, junto às paredes da estrutura negativa e do interface da fossa histórica, localizando-se nessa zona três conexões de patas de logomorfo (provável intossão).

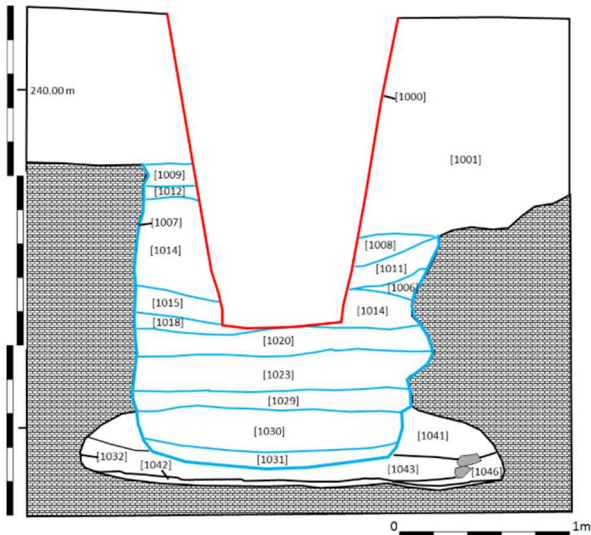


Figura 3 – Corte do Hipogeu 2 e de estruturas posteriores (a vermelho a vala de obra e a azul a grande fossa da antiguidade tardia).

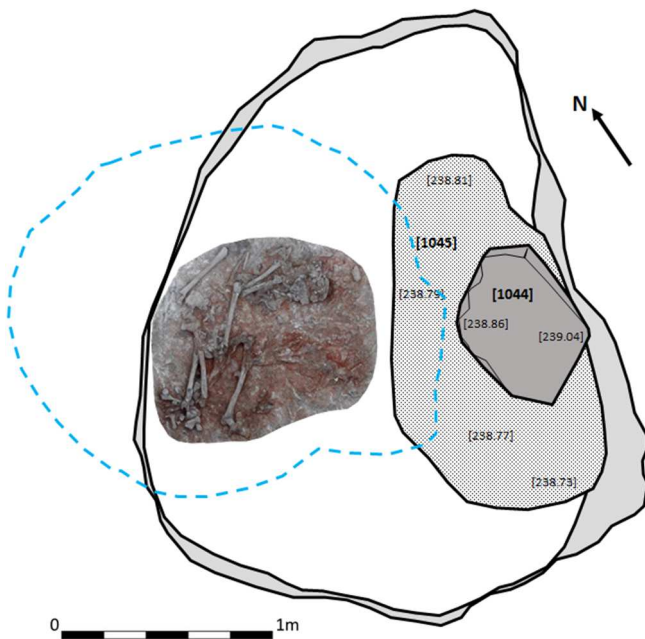


Figura 4 – Plano das deposições e do colapso do encerramento (a azul área da grande fossa histórica localizada mais acima).

Seguia-se um depósito, igualmente areno-argiloso, mas mais compacto [1041], no qual se observavam já alguns pigmentos vermelhos.

Abaixo deste depósito registaram-se duas unidades distintas, uma delas [1043] mais concentrada na área do poço de entrada da estrutura negativa, [1032], e a outra, [1046] na área da câmara.

O depósito [1043], constituído por um sedimento areno-argiloso, de grão muito fino, pouco compacto e homogêneo, de coloração esbranquiçada, cobria uma laje de gabro,

[1044], de grandes dimensões, apresentando uma das faces bastante regular, enquanto que na face oposta observaram-se pequenos nódulos de argila cozida. Assentava sobre um outro depósito, [1045], constituído por um sedimento arenoso, homogêneo e muito pouco compacto, de grão grosseiro e de coloração branca-amarelada. Estes depósitos e laje corresponderam a um abatimento antigo do encerramento do acesso à câmara e cobriam um pequeno conjunto de ossos humanos dispersos (uma tíbia e dois fragmentos de crânio – [1047]).

Já o depósito [1046] era constituído por pequenas pedras de gabros (cascalho) que cobriam uma mancha de pigmentos vermelhos [1042] cuja a análise revelou ser cinábrio³, onde se encontravam depositados dois indivíduos em conexão anatómica [1048] e [1049].

O indivíduo [1048], do sexo feminino, encontrava-se em decúbito lateral direito, em posição fetal, orientado entre SE/NO, faltando-lhe os ossos da parte inferior das pernas. Junto a este indivíduo ou sob ele, registou-se um geométrico trapézio assimétrico em sílex e três conexões de falanges de ovicaprinos, que se encontravam sob as costelas esquerdas, [1053], sob o ilíaco direito, [1051], e sob o sacro [1050].



Figura 5 – Aspecto da laje de encerramento sobre o depósito [1045] e a concentração de pequenas pedras e cinábrio onde se registaram as duas inumações.

³ Os autores agradecem à Doutora Cristina Barrocas Dias, do Laboratório Hércules da Universidade de Évora, a análise dos pigmentos vermelhos e a sua identificação como cinábrio.

O indivíduo [1049], mais incompleto devido a uma maior degradação da metade superior do esqueleto, pertencia a um indivíduo de sexo masculino, também inumado em decúbito lateral direito, posição fetal, com o crânio orientado a Este e os pés para Oeste. Junto ao seu ilíaco direito registou-se uma outra conexão de falanges de ovicaprino. Integrando a macha de cinábrio foi igualmente recolhido um outro geométrico trapézio assimétrico em sílex. Nenhum outro material votivo foi registado.

De notar que o indivíduo [1049], mais degradado, se encontrava coberto por cinábrio, integrando a mancha vermelha observável, enquanto o indivíduo [1048] estava mais lateralizado em relação a essa mancha e sem evidências de cinábrio nos ossos. Esta circunstância indicava uma posterioridade de deposição do indivíduo do sexo feminino relativamente ao de sexo masculino, o que a ligeira sobreposição dos ossos das pernas reforçava igualmente documentava.



Figura 6 – Aspecto das inumações e restos dispersos.



Figura 7 – Pormenor da deposição dos dois indivíduos e da mancha de cinábrio.



Figura 9 – Aspecto das conexões de falanges de ovicaprinos.



Figura 8 – Geométricos recolhidos na zona das inumações.

4. Cronologia absoluta de utilização do Hipogeu 2.

A raridade e a natureza do espólio votivo associado às inumações e o intenso uso de pigmento vermelho no ritual funerário, assim como a associação espacial dos dois corpos e a presença de alguns ossos soltos, levaram a que fosse atribuída uma cronologia relativa neolítica a todo o contexto. Para referenciar em termos absolutos as inumações procedeu-se a uma primeira datação, tendo-se datado o indivíduo [1048].

Surpreendentemente, a datação obtida colocou o indivíduo do sexo feminino na primeira metade do 2º milénio AC, ou seja, no Bronze Pleno. Pensou-se então que estaríamos perante uma reutilização de um sepulcro neolítico numa fase da Idade do Bronze através de uma inumação dupla e que os ossos dispersos poderiam corresponder a restos da utilização funerária original. O carácter inédito dessa situação nos hipogeus da região levou a que se procurasse datar o indivíduo [1049] e a tibia isolada da [1047], que viriam a fornecer datas de meados / segunda metade do 4º milénio AC, compatível com a inicial cronologia relativa assumida. Em face desta situação, o indivíduo [1048] foi redatado, em dois laboratórios, fornecendo novas datações compatíveis com o indivíduo [1049], revelando que na primeira datação existiu um problema no processo de descontaminação.

Unid. Est.	Amostra	Lab. Ref.	Data BP	Cal 2σ
1048	Fémur direito	Beta474679	4770±40	3641-3516 (93.1%) 3398-3384 (2.3%)
1048	Cúbito esquerdo	ICA15B1255	4690±40	3630-3581 (14.6%) 3533-3368 (80.8%)
1049	Fémur direito	ICA16B/0938	4680±40	3628-3588 (10.3%) 3529-3366 (85.1%)
1047	Tibia direita	ICA16B0303	4500±30	3347-3097 (95.4%)

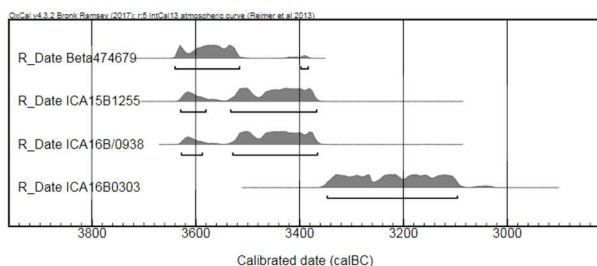


Figura 10 – Datações de radiocarbono para o hipogeu 2.

Assim, os indivíduos [1048] e [1049] estão datados genericamente de meados do 4º milénio AC, e mais concretamente entre 3500-3400, sendo os restos soltos referentes a um momento posterior, enquadrado entre 3350-3100.

As datações dos dois indivíduos colocam a fase inicial de utilização deste hipogeu numa fase terminal do Neolítico Médio, situação que foi igualmente referenciada para o Alentejo na Sobreira de Cima (Valera, 2013) e, mais recentemente, em hipogeus de Vale de Barrancas 1 e Barranco de Vale do Alcaide 4, com datações ainda inéditas.

5. Estudo bioantropológico dos restos humanos do Hipogeu 2 da Quinta da Abóbada.

5.1. Material e Metodologias

Os restos humanos registados no interior do Hipogeu 2 correspondem a dois indivíduos *in situ* [1048] e [1049] e um pequeno conjunto de ossos dispersos [1047].

A primeira etapa da análise paleoantropológica compreendeu a limpeza e restauro do material, através da colagem das peças fragmentadas *post mortem*. Posteriormente procedeu-se ao estudo individual de cada indivíduo e do pequeno conjunto dos ossos dispersos. Para este último, foi calculado o número mínimo de indivíduos através do método de Herrmann *et al.* (1990).

A estimativa da idade à morte foi avaliada através da maturação óssea e erupção e calcificação dentária, segundo os métodos propostos por Ferembach *et al.* (1980) e Ubelaker (1989). Para a determinação da diagnose sexual observaram-se as características morfológicas cranianas (Buikstra, Ubelaker, 1994) e da cintura pélvica (Bruzek, 2002), bem como as características métricas da extremidade proximal do fémur (Wasterlain, 2000) e dos calcâneos e talus (Silva, 1995).

Na abordagem odontológica utilizou-se o sistema de nomenclatura internacional, sistema de dois dígitos – FDI e a escala de Smith (1984) para a avaliar a severidade do desgaste dentário. As lesões patológicas degenerativas articulares e não articulares foram classificadas com base na escala de intensidade de Crubézy (1988).

5.2. Resultados

O conjunto de ossos dispersos está representado pela diáfise de uma tibia direita, um fragmento de parietal direito e frontal unidos pela sutura coronal e por onze peças dentárias. A análise deste material indica que pertence a pelo menos um indivíduo adulto.

A sutura coronal apresenta uma obliteração quase completa. Nenhum fragmento permitiu asseverar inferências acerca da diagnose sexual, bem como não se registaram lesões patológicas.

A nível dentário, a alteração que se destaca é o desgaste, o qual afecta todos os dentes variando entre os graus 2 e 3 (Smith, 1988). Nenhum dente conservou a raiz, apenas se conservaram as coroas com algumas fracturas *post mortem*. Os depósitos de tártaro estão presentes ainda que de modo discreto nas faces lingual, mesial e distal do FDI 43. De salientar a existência de hipoplasias do esmalte dentário nos FDI 13, 33 e 43, junto à linha cimento-esmalte.

O indivíduo [1048], de cronologia mais recente, apresentava um baixo estado de conservação, verificando-se perturbações *post mortem* que justificam a ausência da metade distal dos membros inferiores (tíbias, fíbulas e pés). Algumas peças ósseas, como fragmentos cranianos, de

mandíbula e de fémur esquerdo conservam vestígios de cinábrio, apesar de este se dever ao contacto com o pigmento que se encontrava na base da estrutura funerária e não a um depósito intencional como no caso do indivíduo [1049].



Figura 11 – Presença de HED nos caninos dispersos no hipogeu.

Este indivíduo foi depositado seguindo uma orientação Sudeste – Noroeste (120° – 300°) em decúbito lateral direito com os membros superiores flectidos, tendo em conta a posição dos fémures, os membros inferiores encontrar-se-iam em hiperflexão. De salientar que o ilíaco esquerdo se encontrava sobre o membro inferior direito do indivíduo [1049], reflectindo a sequência de inumação dos defuntos, um primeiro evento que corresponde à deposição do indivíduo [1049] e um momento posterior de sepultamento, muito similar, correspondente ao indivíduo [1048].

A estimativa da idade à morte teve em conta a erupção dentária (Ubelaker, 1989) onde se observa a completa erupção do terceiro molar e as fracções S_3 e S_4 da sutura sagital que se apresentam completamente obliteradas. A determinação da diagnose sexual teve em consideração a ausência de relevo nucal, a forma da chanfradura ciática e o arco composto, os últimos avaliados apenas em campo (Buikstra e Ubelaker, 1994 e Bruzek, 2002), todos se enquadram nos parâmetros habitualmente associados ao sexo feminino.

Os caracteres discretos registados neste indivíduo são bastante comuns e correspondem à presença de sutura supra-nasal e a um *ossiculum vimeano* integrado no lado esquerdo da sutura lambdóide.

As lesões patológicas parecem estar ausentes no esqueleto deste indivíduo, anotando-se apenas duas pequenas depressões circulares com aproximadamente 5 mm de diâmetro na tábua interna do parietal esquerdo que parecem corresponder a foveolas granulares ou *pacchionian depressions*, que se formam a partir da membrana aracnóide (Rogers, 1982).

A análise dentária revela presença de desgaste em toda a dentição, variando entre os graus 2 e 5 (Smith, 1988), encontrando-se os valores mais acentuados nos primeiros molares e pré-molares. O *calculus* dentário afecta de modo ligeiro os FDI 24 a 27 e 38 nas faces lingual e distal. Verificam-se duas fracturas *post mortem* nas coroas do FDI 28 e 43.

Na face bucal do FDI 38, 47 e 48 está presente o carácter discreto *protostilid pit*. Resta referir uma anomalia no desenvolvimento do FDI 48, este cresceu transversalmente na região alveolar, estando a face oclusal da sua coroa perpendicular com a face distal da coroa do FDI 47.

O estado de preservação deste indivíduo [1049] é bastante peculiar, pois a metade superior sofreu uma desintegração quase total contrastando com a solidez dos membros inferiores, que apesar de não estarem totalmente completos, mantêm a maioria das suas estruturas com uma conservação mediana.

O ritual de inumação incluiu a colocação de cinábrio sobre a maioria do corpo do defunto, desde o crânio até parte dos membros inferiores, verificando-se uma concentração mais elevada na metade superior. A presença de cinábrio poderá ter sido o agente tafonómico de maior impacto sobre o material esquelético, pois a zona de maior concentração correspondente directamente à menor preservação osteológica, podendo ter contribuído para a preservação diferencial intra-esquelética.

De modo muito semelhante ao indivíduo anterior, este, foi inumado seguindo uma orientação Este – Oeste (100° – 280°), igualmente em posição fetal sobre o lado direito, com hiperflexão dos membros superiores e inferiores e sobreposição dos pés.

A avaliação do perfil biológico revela um indivíduo adulto (Ferembach *et al.*, 1980), do sexo masculino, tendo em conta as características métricas do calcâneo e talus (Wasterlain, 2000), com uma estimativa de estatura, de aproximadamente 167,0cm, obtida a partir do segundo metatársico (Cordeiro *et al.*, 2009).

Os caracteres discretos que por vezes se manifestam no esqueleto estão representados na patela esquerda através de um *no vastus*.

Da análise patológica registam-se evidências de lesões de entese ligeiras (grau 1, Crubézy, 1988) na inserção do *obturador externus* da fossa digital do fémur direito e na inserção do tendão de Aquiles dos calcâneos.



Figura 12 – Fémur esquerdo do indivíduo [1048] com coloração vermelha consequente do contacto com o ocre.



Figura 13 – Desenvolvimento transverso do FDI 48 do indivíduo [1048]. a) plano bucal; c) plano lingual.

Resumindo, para além de alguns fragmentos de ossos dispersos, o Hipogeu 2 da Quinta da Abóbada albergava dois indivíduos adultos que foram depositados em decúbito lateral direito (posição fetal), com os membros superiores e inferiores flectidos, lado a lado, com uma ligeira sobreposição da cintura pélvica do indivíduo [1048] sobre o membro inferior direito do indivíduo [1049], revelando que este teria sido colocado primeiro no hipogeu. Os perfis biológicos traçados apontam para dois indivíduos adultos, um do sexo feminino (o último depositado) e um do sexo

masculino (o primeiro depositado), tendo sido esta análise inconclusiva para os fragmentos diversos, que apenas permitem referir que muito provavelmente pertencem a um indivíduo adulto.



Figura 14 – Lesão de entese ligeira na inserção do obturador externus do fémur direito do indivíduo [1049].



Figura 15 – Patela esquerda do indivíduo [1049] com presença de no vastus.

6. A Quinta da Abóbada no contexto regional das tumulações em hipogeu.

A intervenção realizada na Quinta da Abóbada revelou a presença de dois hipogeus com câmara e poço lateral de acesso. Sobre o primeiro apenas podemos dizer que se encontrava preenchido por depósitos que continham materiais cerâmicos de cronologia calcolítica. A ausência de restos humanos não deve ser estranhada, já que se vão acumulando evidências de que vários destes espaços

funerários eram cuidadosamente esvaziados, nomeadamente durante o Calcolítico, como pode ser sugerido para o Hipogeu 1 de São Pedro do Estoril, ou como indicia o Hipogeu 2 do núcleo do Carrascal (Valera *et al.* 2014). Há cada vez mais evidências de trasladações e manipulações de restos humanos durante a segunda metade do 4º e sobretudo durante o 3º milénio AC, pelo que estas situações não são motivo de surpresa.

Já o Hipogeu 2 revelou uma utilização neolítica, com dois momentos centrados em 3500-3400 AC e 3400-3100 AC. O recuo a meados do 4º milénio AC para o aparecimento deste hipogeu é compatível com algumas das datações que têm vindo a ser obtidas para outros sepulcros do mesmo tipo na região. É o caso das datações obtidas para o Hipogeu 3 e indivíduo 2 do Sepulcro 1 da Sobreira de Cima (Valera, 2013) ou das datas ainda inéditas obtidas para alguns dos hipogeus de Vale de Barrancas 1 e para o hipogeu de Barranco do Vale do Alcaide 4. Modeladas (trabalho em preparação), estas datações enquadram a emergência destas sepulturas no Alentejo interior entre 3600-3500 AC, ou seja, num momento terminal do Neolítico Médio.

De notar que, em vários destes hipogeus com datações de meados do 4º milénio AC (casos em Vale Barrancas 1, Barranco do Vale do Alcaide 4 e agora Quinta da Abóbada), o que se registam são deposições individuais ou duplas, indicando que, quando este tipo de arquitecturas negativas funerárias começam a ser construídas no Alentejo, o fenómeno de intensa colectivização dos espaços funerários não estava ainda instituído, mantendo-se uma tradição do Neolítico Médio, contrastando com a imagem que, na Estremadura, a gruta necrópole do Bom Santo na Serra de Montejunto (Carvalho, 2014) proporciona.

No ritual funerário, e mantendo-se essa linha de tradição, os espólios funerários são reduzidos, revelando a preferência pela inclusão de geométricos, por vezes pequenas lamelas e artefactos de pedra polida (estes dois últimos tipos ausentes da Quinta da Abóbada), a completa exclusão da cerâmica, e a particularidade ritual de inclusão de falanges de ovinos (presentes na Sobreira de Cima, Outeiro Alto 2, Vale Barrancas 1 e agora Quinta da Abóbada). Sublinhe-se ainda o recorrente recurso a pigmentos vermelhos, que na Quinta da Abóbada são de cinábrio, documentando um dos contextos mais antigos em Portugal em que este recurso é utilizado. Esta circunstância revela também, já nesta fase, a inclusão da região numa rede de circulação desta matéria-prima, indiciando o arranque de um processo de intensificação das interacções transregionais que se desenvolveria durante a segunda metade do 4º e sobretudo ao longo do 3º milénio AC. A este propósito, recorde-se a presença de marfim no Hipogeu 1 da Sobreira de Cima e em Barranco de Vale do Alcaide 4, ambos os contextos com datações de meados do 4º milénio AC. Será também neste momento, e de acordo com os dados actuais, que se começam a construir os primeiros recintos de fossos na região (Valera *et al.* no prelo). Os meados do 4º milénio AC parecem, assim, começar a delinear o arranque de uma trajectória social que se desenvolverá durante cerca de um milénio e meio, no âmbito da qual, a individualização será

suplantada pela colectivização nas práticas funerárias e por uma diversificada manipulação dos restos humanos, que dominarão as atitudes perante a morte até ao advento da Idade do Bronze.

Referências Bibliográficas

- BRONK RAMSEY, C., (2009), "Bayesian analysis of radiocarbon dates", *Radiocarbon*, 51 (1): 337-360.
- BRONK RAMSEY, C., (2013), "Recent and planned developments of the program OxCal", *Proceedings of the 21st International Radiocarbon Conference*, *Radiocarbon*, 55 (2-3): 720-730.
- BRUZÉK, J. (2002), "A method for visual determination of sex, using the human hip bone", *American Journal of Physical Anthropology*, 117: 157-168.
- BUICKSTRA, J.; UBELAKER, D. (1994), *Standards for data collection from Human Skeletal Remains*, Arkansas Archeological Survey Research Series, 44, Fayetteville (Arkansas), Arkansas Archaeological Survey.
- CARVALHO, A.F. (2014), *Bom Santo cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal*, Promontória Monográfica, 17, Faro, Universidade do Algarve.
- CRUBÉZY, E. (1988), *Interactions entre facteurs bio-culturels, pathologie et caractères discrets. Exemple d'une population médiévale*, Canac (Aveyron), These Docteurs en Médecine, Faculté de Médecine, Université de Montpellier I.
- FEREMBACH, D.; SCHWIDETZKY, I.; STLOUKAL, M. (1980), "Recommendations for age and sex diagnosis of skeletons", *Journal of Human Evolution*, 9(7): 517-549.
- HERRMANN, B.; GRUPE, G.; HUMMEL, S.; PIEPENBRINK, H., (1990), *Prähistorische Anthropologie: Leitfaden der Feld- und Labormethoden*, Springer Verlag, Berlin.
- REIMER, P.J., BARD, E., BAYLISS, *et al.* (2013), "IntCal13 and Marine 13 radiocarbon age calibration curves 0 to 50,000 years cal BP", *Radiocarbon*, 55 (4): 1869-1887.
- ROGERS, S. (1982), *The aging skeleton: Aspects of human bone involution*, U.S.A., Charles C. Thomas Publisher.
- SMITH, B.H. (1984), "Patterns of molar wear in hunter-gatherers and agriculturalists", *American Journal of Physical Anthropology*, 63: 39-56.
- VALERA, A.C., (2013), *Sobreira de Cima. Necrópole de hipogeus do Neolítico (Vidigueira, Beja)*, ERA Monográfica, 1, Lisboa, NIA-Era.
- VALERA, A.C.; SIMÃO, I.; NUNES, T.; PEREIRO, T. do; COSTA, C. (no prelo), "Neolithic ditched enclosures in Southern Portugal (4th millennium BC): new data and new perspectives", *Estudos do Quaternário*, submetido em 9-3-2017.
- UBELAKER, D. (1989), *Human Skeletal Remains - excavation, analysis, interpretation*, Second edition, Washington, Smithsonian Institute.

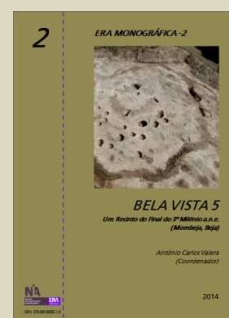
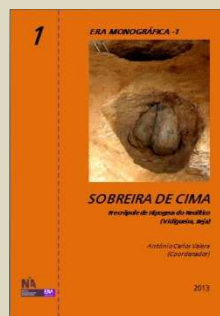
OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA

Série ERA Monográfica

Dois volumes publicados

Série ERA Arqueologia

Oito volumes publicados entre 2000 e 2008

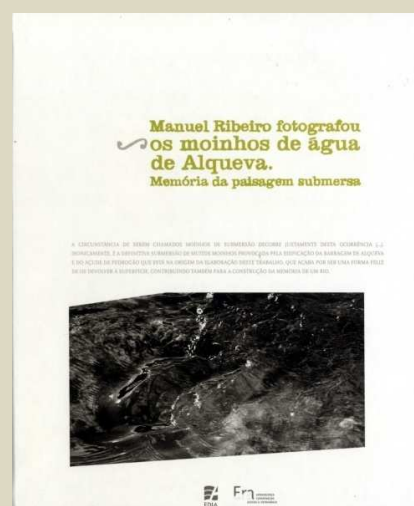


Livro de fotografias de Manuel Ribeiro sobre os moinhos de água de Alqueva



“Holocénico [o blog]” de António Valera

Textos sobre produção de conhecimento, património, arqueologia e o seu ensino e profissão.



ERA Arqueologia S.A.
Calçada de Santa Catarina, 9C
1495-705 Cruz Quebrada
- Dafundo

www.era-arqueologia.pt
geral@era-arqueologia.pt
nia@era-arqueologia.pt